



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13082 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT22 - Educação Ambiental

O DISCURSO SOBRE A FORMAÇÃO DO SUJEITO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM OLHAR PARA TESES E DISSERTAÇÕES

Wanderson Rodrigues Moraes - UNESP - CAMPUS RIO CLARO

Luiz Marcelo de Carvalho - UNESP - CAMPUS RIO CLARO

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo nº 2021/ 07934-5.

O DISCURSO SOBRE A FORMAÇÃO DO SUJEITO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM OLHAR PARA TESES E DISSERTAÇÕES

Resumo: Nosso objetivo neste trabalho é compreender o funcionamento discursivo sobre a formação do sujeito em EA a partir de recortes de teses e dissertações realizadas nesse contexto. Este artigo é parte de um estudo mais amplo, em nível de pós-doutoramento. Se por um lado o campo da EA tem formado sujeitos em uma pluralidade de vertentes político-pedagógicas, por outro, observamos um apagamento desse processo interpelativo. Partindo desse pressuposto, para a análise dos relatos de pesquisa, nos filiamos à Análise de Discurso francesa a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux e colaboradores. O corpus foi construído a partir da produção acadêmica reunida no banco de teses e dissertações do Projeto EArte, em que, considerando as limitações de espaço neste artigo, apresentamos os resultados da análise de duas pesquisas. Os resultados apontam o uso de discursos-transversos e incisivos para caracterizar um sujeito multifacetado, em uma formação sempre em devir; bem como o uso de pré-construídos e elipses, tendo em vista um certo tipo de ser~no~mundo. Como implicações para o campo da EA, a necessidade de compreender os espaços de silêncios, ausências e não-ditos de alguns funcionamentos em uso na elucidação desse sujeito.

Palavras-chave: Análise de Discurso, Arena discursiva, Sujeitomozaico, Sujeito

ecológico.

Introdução e enunciado do problema

Com a institucionalização da Educação Ambiental (EA) como prática formativa desde os anos de 1981, pela Lei n. 6838 – Política Nacional do Meio Ambiente – e posteriores aparatos legislativos, esse tem sido um campo com produção significativa do ponto de vista teórico-metodológico- tanto no que diz respeito às práticas educativas quanto no que diz respeito e à pesquisa. Seus processos educativos prezam pela formação de um sujeito orientado ambientalmente, podendo ocorrer por meio de uma diversidade de macrotendências político-pedagógicas (LAYRARGUES; LIMA, 2014) em disputa nesse ato constitutivo, cada qual com suas compreensões acerca do papel do sujeito em sua relação com a natureza, em uma espécie de arena discursiva, em que a dimensão política se faz imprescindível.

Nesse contexto, compreendemos que tais ideários são veiculados por meio de práticas discursivas que atravessam os sujeitos, constituindo-os e interpelando-os em distintas vertentes político-ideológicas, influenciando suas práticas e modos de ser em sociedade. No que diz respeito à formação do sujeito no âmbito da EA, alguns pesquisadores cunharam nomeações – perfis – delineando características e aspectos. Carvalho (2001) estudou os processos de construção do sujeito nesse âmbito, que se supõe, idealmente, que atue conforme uma ética ambiental. Por meio de entrevistas das trajetórias e narrativas de vida de atores sociais (educadores ambientais etc.) em distintas faixas etárias, a pesquisadora compreende o agenciamento de um perfil identitário que, por seus atributos e ideias, desenha o que chamou de “sujeito ecológico” subjetivado nos relatos de vida dos educadores.

Layrargues (2018), também, trouxe contribuições para o conceito inicialmente proposto por Carvalho (2001), compreendendo-o a partir do que chama de Antiecológismo, período a partir dos anos de 1970, marcado pela prevalência do interesse econômico na pretensa tentativa de reequilibrar economia e ecologia, no qual a sustentabilidade e o crescimento econômico são articulados na perspectiva neoliberal. Para o pesquisador, o atravessamento infligido pelo Antiecológismo tornou a EA reprodutivista, disseminando valores da sociabilidade do capital e omitindo o quadro histórico-crítico que permitiria o desnudamento das contradições da sociedade capitalista. Tem-se assim, um “sujeito ecológico” que segue os preceitos de uma específica sustentabilidade, a do mercado.

Posteriormente, Layrargues (2020) propõe a transmutação do “sujeito ecológico” em um “sujeito eopolítico”. Assim, a crítica que se coloca é que o “sujeito ecológico” só atua a favor de uma sustentabilidade muito particular, de atitudes individuais, ignorando a crítica eopolítica e a luta coletiva para romper com o sistema de produção capitalista. Isto é, é um sujeito privado de formação e exercício político. O “sujeito eopolítico” proposto por Layrargues (2020, p. 78), seria aquele que “[...] se investe do papel da militância ecológica, exercitando sua cidadania política enquanto um “ativista” da causa ambiental, para

subversivamente retomar o caminho da civilidade no convívio humano com e no planeta”.

Tem-se, assim, a constituição de distintos sujeitos no âmbito da EA, sendo possível encontrar outras nomeações, visto que a busca realizada não foi exaustiva. Esses processos formativos ocorrem conforme a diversidade de matrizes teóricas e vieses das quais se articulam. Tais sujeitos, atravessados por processos educacionais, são, conseqüentemente, atravessados pelo político, uma vez que “a prática educativa é entendida como politicamente compromissada” (CARVALHO, 2015, p. 145), e assim conjuram um campo de tensões político-ideológicas, típico da arena discursiva.

Nesse contexto, concordamos com Carvalho (2015) quando defende a necessidade de se compreender os significados que são atribuídos às propostas de formação do sujeito, para uma dimensão política da realidade humana. Assim, se por um lado o campo da EA tem formado sujeitos em uma pluralidade de vertentes político-pedagógicas; por outro, observamos um apagamento desse processo interpelativo em uma dissimulação constitutiva e das interações que se supõem desse sujeito para com o meio ambiente.

Assim, nesta pesquisa ^[1] em particular, temos como objetivo compreender o funcionamento discursivo sobre a formação do sujeito em EA a partir de recortes de teses e dissertações realizadas nesse contexto, considerando a linguagem e o discurso como mediadores nesse processo de produção de efeitos de sentidos. Temos como guia a seguinte questão: Que funcionamentos discursivos são agenciados em enunciados sobre a constituição do sujeito no âmbito da EA em teses e dissertações desse campo? Em vista do exposto, trazemos nossos referenciais teóricos e a metodologia empregada.

Aportes teórico-metodológicos e procedimentos de pesquisa

Esse trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla em nível de pós-doutorado. Nos filiamos à Análise de Discurso (AD) materialista francesa, cujo um de seus precursores foi Michel Pêcheux. O discurso pode ser compreendido como o efeito de sentido entre pontos (sujeitos) de uma estrutura social, é constituído por seus contextos de produção (político, econômico, cultural, etc.), e subordinado as operações de: 1) Encaixe, ou pré-construído, se remetendo a algo fora do enunciado; e 2) Articulação, ou discurso-transverso, uma proposição explicativa ou restritiva que implica relação entre duas propriedades (PÊCHEUX, 1995, 1997). Ao nos voltarmos ao funcionamento discursivo em um enunciado, procuramos compreender que mecanismos são empregados na produção de efeitos de sentidos, tanto no que diz respeito aos aspectos semântico-gramaticais, quanto a afetação do político e o histórico, quando possível.

Nesse sentido, a construção do *corpus* de análise compreendeu quatro momentos. Inicialmente, procedemos a um mapeamento da produção acadêmica no banco de teses e dissertações do Projeto EArte, um projeto interinstitucional que desenvolve pesquisas na linha

do estado da arte a partir de teses e dissertações em Educação Ambiental no Brasil^[2], que compreende o período de 1981 até 2020. Assim, realizamos a busca no banco a partir do recurso “qualquer campo” – recurso oferecido pelo Banco EArte – dos termos: “formação do(s)/de sujeito(s)” e “constituição do(s)/de sujeito(s)”, resultando em 128 teses e/ou dissertações distribuídas entre 1995 até 2020.

A partir desse primeiro critério de seleção, realizamos a leitura dos títulos e resumos de todos os trabalhos, selecionando para a próxima etapa aqueles cujo interesse central fosse a formação do sujeito em EA. Nessa etapa, foram selecionados 72 trabalhos por atenderem, pelo menos em seus resumos, a esse critério. Posteriormente, fizemos uma leitura mais atenta às questões de pesquisa de cada trabalho e os objetivos elencados, para novamente selecionar apenas as teses/dissertações em que seus autores investigaram a temática em estudo. Assim, ao final desse procedimento selecionamos 17 pesquisas cujas questões e foco explicitamente se voltam a este aspecto. Por fim, realizamos o recorte de enunciados em 2 trabalhos: Porto (2013), que apresentou referenciais teóricos distintos ao conceber a formação do sujeito, visto que dos 17 selecionados, 16 apontam o “sujeito ecológico” (CARVALHO, 2001) como embasamento; e Gomes (2020), escolhido de forma arbitrária dentre os 16 demais com o mesmo referencial. Trazemos dois recortes, considerando os limites desse resumo.

Resultados e Discussão

O primeiro recorte de enunciado que trazemos para análise é da dissertação de Porto (2013), identificado como TR1, em que o autor explicita que sujeito é esse que surge nos processos educativos em EA:

*O **sujeitomosaico** para nós é um sujeito coletivo e ao mesmo tempo singular, **que vive, conhece, escreve, sofre, sorri e trabalha**, mas produzido nos ambientes se preocupa, envolve, pensa e pratica a EA, seja por engajamento político, por estilo ou filosofia de vida ou simplesmente por amor ao planeta e à vida (TR1, p. 64, grifos nosso).*

No trecho apresentado, identificamos um mecanismo pelo qual o autor vai caracterizando esse sujeito em dois momentos: O termo “sujeitomosaico” destacado em itálico no TR1 é cunhado dessa forma pelo autor, e aqui mantivemos. No período destacado em negrito, há o emprego de uma incisa, que interrompendo a linearidade do discurso, procura descrever o que faz esse sujeito. O mesmo ocorre no período destacado em sublinhado quando faz referência à EA. Um possível efeito de sentido provocado por esse mecanismo, é a reflexão do caráter multifacetado de um sujeito “inventado, mas não estático” (TR1, p.63) que se assemelha a uma composição de várias tesselas, conforme definição do próprio pesquisador.

A incisa aqui aparece como um discurso-transverso, um efeito de sustentação daquilo que vem a ser esse “sujeitomosaico”. A noção de multiplicidade é explicitada pelo

pesquisador mais adiante, no sentido não de buscar um sujeito da EA, mas de propor a reflexão sobre as multiplicidades que envolvem o sujeito em processos formativos, no que diz respeito às experiências e devires nesse campo. É um sujeito “sempre em processo, em transição, é inacabado, pois vai se produzindo no devir” (TR1, p. 103). Interessante notar também, a dimensão política como separada dos demais aspectos da vida.

O segundo recorte que fizemos foi na dissertação de Gomes (2020), identificado como TR2, em que distintos mecanismos são utilizados ao se falar sobre a formação do sujeito. Assim: “O **sujeito ecológico** é um modo específico e naturalizado de **ser~no~mundo**, baseado em um *ideal que norteia os comportamentos dos seres humanos*” (TR2, p. 90, grifos nosso). Os termos destacados em negrito funcionam como efeitos de pré-construído, isto é, “sujeito ecológico” e “ser~no~mundo”, sinalizando suas ligações a palavra “ideal”. Essa por sua vez, funciona por um limite de materialidade (PÊCHEUX, 1995) na medida em que este “ideal” não encontra parâmetro de sentido/significado ao longo do texto, como afetado por uma elipse.

Por fim, o trecho destacado em itálico é um discurso-transverso que implica relações sobre um modo de ser em sociedade. Possíveis efeitos de sentidos dizem respeito a um “sujeito ecológico” como arquétipo/perfil desejável do comportamento humano, jogando, no entanto, com a elipse do significado ausente de “ideal”.

Algumas considerações como vias de continuidade

Ao longo desse trabalho viemos buscando responder a questão inicialmente apresentada. É possível afirmar que os autores se utilizam de vários recursos semântico-gramaticais, como o uso de incisões e elipses na construção de redes de efeitos de sentidos sobre a formação do sujeito. Nas pesquisas cujos referenciais derivam de Carvalho (2001), como TR2, a relação é basicamente de pré-construído a partir de um perfil já delineado; já em TR1, as construções teóricas retratam um aspecto multifacetado, inacabado e sempre em devir.

Como contribuições ao campo da EA, compreendemos o uso de uma diversidade de recursos discursivos na tentativa de elucidação desse sujeito, havendo no entanto, a necessidade de compreender os espaços de silêncios, ausências e não-ditos de alguns funcionamentos em uso, como no caso da elipse, principalmente quando se diz respeito ao embasamento no “sujeito ecológico”.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, I. C. M. **A invenção do sujeito ecológico: sentidos e trajetórias em Educação ambiental.** 2001. 349p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande

do Sul, Porto Alegre, 2001.

CARVALHO, L. M. **Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil: um campo em construção?**. 2015. 455 f.. Tese (Livre Docência) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

GOMES, H. A. **A Educação Ambiental sob a visão de mundo da pedagogia Waldorf no jardim de infância**. 2020. 134p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. C. As macro-tendências político-pedagógicas da Educação Ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 23-40, Jan./Mar. 2014

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. C. As macro-tendências político-pedagógicas da Educação Ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 23-40, Jan./Mar. 2014.

LAYRARGUES, P. P. Subserviência ao capital: educação ambiental sob o signo do antiecológico. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Rio Claro, v. 13, n. 1, p. 28-47, 2018.

LAYRARGUES, P. P. Manifesto por uma Educação Ambiental indisciplinada. **Ensino, Saúde e Ambiente**, número especial, p. 44-88, 2020.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, Silvana Mabel Serrani. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (1969). In: GADET, F.; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PORTO, A. P. **Educação Ambiental a distância nas redes e processos de formação, currículos e subjetivação**. 2013. 134p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

[1] Esse trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla em nível de pós-doutorado do primeiro autor do manuscrito.

[2] O Projeto EArte está disponível em: <<http://www.earte.net/?page=projeto>>. Acesso em 18 mar. 2023.